

POR  
RUDOLFO LAGO



DIVULGAÇÃO

Esquemas do Digimais iguais ao Master

## Master e Digimais: além de aumentar juros, onde estava o BC?

Como já contamos no Correio Político, de forma resumida eram dois os esquemas irregulares do Banco Master: a criação de uma espécie de pirâmide financeira a partir da oferta de Certificados de Depósitos Bancários (CDBs) com rentabilidade fora da realidade e o uso de consignados fantasmas para engordar com dados falsos a sua carteira de crédito. A Operação policial que na terça-feira (23) pegou o Digimais, o banco ligado à Igreja Universal e ao bispo Edir Macedo, impressiona por mostrar a mesma coisa. Da mesma forma, esses eram os esquemas do Digimais. Também fazia pirâmide com CDBs e também engordava sua carteira com créditos falsos. Para o cientista político André Cesar, a descoberta das mesmas falcatruas nos dois bancos aponta: “Vivemos um risco sistêmico”.

### Leniência lembra Marka-FonteCindam

Risco sistêmico é quando um evento pontual desencadeia um efeito dominó capaz de comprometer todo o sistema financeiro. Em 1999, André Cesar acompanhou de perto a CPI dos Bancos. E o cientista político enxerga muita semelhança entre o que acontece agora e o que aconteceu na época com o Bancos Marka e FonteCindam.

LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL



Galípolo bateu boca com Renan na CAE

### Vista grossa

Na maxidesvalorização do real, para ajudar os dois bancos, o Banco Central vendeu dólares a preços defasados para evitar que as instituições falissem. Até então, era o maior escândalo financeiro do país. Agora, há uma impressão de que, no mínimo, o Banco Central fez vista grossa para operações atuando para além do limite da responsabilidade. E, mais do que isso, há desconfiança de que teria também atuado para ajudar os bancos.

### Esforço para ajudar

Uma troca de documentos entre o Banco Central e o Tribunal de Contas da União (TCU) vai nessa linha. O BC acompanhava as dificuldades do Master. “Nessas circunstâncias, o Banco Central determinou a adoção de providências com vistas a assegurar a liquidez em níveis suficientes e adequados”, diz um dos documentos trocados após questionamentos do TCU.

### Sofisticado?

“O país se vangloria de ter um sistema financeiro sofisticado, de ter o Pix, por exemplo. Mas qual o valor disso se não houver fiscalização nenhuma?”, questiona André Cesar. Se bancos e fintechs trabalham numa faixa irresponsável e, pior do que isso, se usam das ferramentas que possuem para lavar dinheiro sabe-se lá para quem.

### Menores

O problema que assusta, por exemplo, a Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado é que Master e Digimais são dois bancos menores. O Master representava 0,5% do mercado financeiro brasileiro. Era classificado pelo Banco Central na categoria B3, para médio porte.

### Rede

Então, o dono de um banco menor, Daniel Vorcaro consegue criar em torno de si a rede de relacionamentos que criou. Em todos os três poderes. Do candidato de oposição à Presidência, Flávio Bolsonaro, ao líder do governo no Senado, Jaques Wagner. A pergunta: o que acontece nos bancos maiores?

### “Teje preso”

André Cesar retorna a um episódio da CPI dos Bancos, quando a então senadora Heloisa Helena, então no PT de Alagoas, gritou no meio do plenário da comissão para o então presidente do Banco Central, Chico Lopes: “Teje preso!” Chico Lopes tinha se recusado a depor como testemunha.

### Sem CPI

Agora, não há CPI do Master. O presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), sentou-se em cima dos pedidos de comissão mista. Curiosamente, um deles tem como autora justamente Heloisa Helena, que até há pouco estava como deputada.

### Bate-boca

Mas já houve um bate-boca na CAE entre o presidente da comissão, senador Renan Calheiros (MDB-AL), e o presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, quando Renan cobrou a atitude do BC na negociação do Master com o BRB. Galípolo defendeu a instituição.



Saída de Jaques Wagner da liderança já era esperada

# Reunião com Lula sela saída de Jaques Wagner

## Foram quase duas horas de conversa no Palácio do Planalto

Por **Beatriz Matos**

A quarta-feira (24) em Brasília amanheceu em clima de Copa do Mundo. Mas o resultado mais esperado do dia na Esplanada dos Ministérios não era o da partida. Nos corredores do Palácio do Planalto, todas as atenções estavam voltadas para a reunião entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o senador Jaques Wagner (PT-BA), encontro que definiria o futuro de um dos principais articuladores políticos do governo no Congresso.

Como o Correio da Manhã já vinha mostrando nos últimos dias, a avaliação entre aliados era de que o senador entregaria a liderança do governo. Para o próprio grupo político de Wagner, esse havia se tornado o melhor caminho: permitir que ele concentrasse esforços na defesa. No Planalto, porém, o debate era maior. O temor era que a crise deixasse de atingir apenas o senador e passasse a contaminar o PT e o presidente Lula justamente em um ano eleitoral.

Ao fim de quase duas horas de conversa, a decisão foi tomada. Jaques Wagner deixou a liderança do governo no Senado. Pelas redes sociais, afirmou que teve “uma ótima reunião” com Lula e

disse que o afastamento ocorreu de comum acordo. “Neste momento, minha prioridade absoluta é provar minha inocência, além de trabalhar pela minha reeleição e de outros petistas”, escreveu.

A mudança de cenário começou no dia em que a Polícia Federal (PF) colocou Jaques Wagner entre os principais alvos da investigação sobre o caso Banco Master. A partir dali, o escândalo ganhou uma nova dimensão política. Já não era apenas um caso envolvendo empresários ou personagens ligados à oposição. Pela primeira vez, atingia diretamente um dos homens mais próximos de Lula e um dos principais responsáveis pela articulação do governo no Senado.

### PRÓXIMOS PASSOS

A agenda política de Jaques Wagner continua nesta quinta-feira (24). A previsão, é que o senador tome café da manhã com o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), a quem pretende agradecer o apoio recebido desde o início da crise.

O Planalto já discute o novo líder. Entre os nomes citados aparecem a líder do PT, Teresa Leitoão (PE), e o ex-ministro da Educação Camilo Santana (CE).